

DESAMPARO¹

María Cristina del Villar

Lacan, no Seminário da Ética, localiza claramente o que é ética para a psicanálise e como ele pensa naquele momento um fim da análise didática.

Ele nos diz que o único bem que está em jogo para a psicanálise é o "desejo". Se a cura é direcionada aos bens materiais, às conquistas econômicas, à busca do conforto eterno, é uma farsa.

Isso implica que a psicanálise promove o ascetismo, a falta de conforto ou a renegação dos bens materiais como um fim de análise? Não se trata disso, mas de nuances em relação a eles. Se a cura é direcionada para "as conquistas" do sujeito, nada; o mesmo acontece se o direcionarmos para uma "normalização psicológica ou moralização racionalizante", para "apenas atravessar o fantasma" ou "uma relação justa com o real". Não é disso que se trata, nos diz Lacan neste Seminário; ao final de uma análise didática: "o sujeito deve atingir e conhecer o campo e o nível do desarvotamento absoluto, no nível do qual a angústia já é uma proteção" ²

A angústia deixa esboçar um perigo subjetivo ao responder à demanda do Outro, sem nos perguntarmos se eu desejo ou não o que demandam de mim, ficando alienado nele, na posição de objeto do fantasma do Outro.

Não há perigo no nível da experiência final de *hilflosigkeit* (isto é, que diante da própria morte o sujeito não pode esperar ajuda de ninguém [desamparo]). Para o *parlêtre*, o limite dessa região é expresso em "(...) tocar no termo do que ele é e do que não é." ³

¹ VIII Congreso Internacional de *Convergencia, Movimiento Lacaniano por el Psicoanálisis Freudiano*. Barcelona, 24, 25, 26 y 27 de mayo de 2023. Tradução para o português: @Letraducciones

² Jacques Lacan. *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise: (1959-1960)* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 1988. Aula XXIV 29 de junho de 1960) pág. 364

³ Jacques Lacan. *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise: (1959-1960)* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 1988. Aula XXIV 29 de junho de 1960) pág. 364.

Ainda neste ponto de sua produção, Lacan nos diz: "Ao final de uma análise didática, o sujeito como efeito disso torna-se responsável por seu desejo, seus atos, o preço a pagar pelo desejo"⁴ Não se trata de terminá-lo em uma posição de conforto, em termos da ética dos bens, como dissemos antes, nem de moralizar. É uma questão de questionamento. Eu agi de acordo com o desejo que me habita?

Uma verdadeira análise didática deve trabalhar o limite dos bens e deve advir a questão para minha ação na prática analítica.

Se repensarmos o "desamparo" à luz dos últimos Seminários de Lacan, ou seja, um passo além *da Proposição de 9 de outubro de 1967*, que é do mesmo tempo que o Seminário *A Lógica do Fantasma*, podemos dizer que um fim de análise não é igual, idêntico aos cortes que ocorrem durante a análise. Aqui surge uma pergunta: poderíamos articular esse desamparo que Lacan enuncia no Seminário da Ética com uma destituição subjetiva?

Fim de análise, tempo de luto comparável à posição depressiva kleiniana nos diz Isidoro Vegh, duelo do que seu analista representava como representante do objeto *a*.⁵ Um tempo em que não se pode fazer consistir o fantasma, não se pode sustentar o desejo, porque não se pode fazer consistir o fantasma em um tempo de destituição subjetiva. Desamparo.

Se pensarmos nisso a partir do nó borromeu, daremos um passo adiante. Há um furo principal, o do Simbólico, este contamina a sua falta aos outros dois registros e há um verdadeiro furo entre o Real e o Imaginário, que permite "levando suficientemente longe a análise" descobrir "a inexistência do Outro", "a castração do Outro". Podemos articular isso "ao desamparo" que Lacan nos propõe no Seminário VII. Onde tocamos, como dissemos antes, até o seu fim, o que o homem é e o que ele não é. Ele não é imortal desamparado diante da morte, que é coberta e agravada pela morte simbólica do significante. Duelo subjetivo nessa posição, renega da verdade e da castração.

⁴ Jacques Lacan. *La ética del psicoanálisis: Seminario VII (1959-1960)* Buenos Aires: Paidós, 1988. Clase Nro. 23 (29 de junio de 1960) pág. 362. A tradução é nossa.

⁵ cf. Isidoro Vegh. *Paso a pase con Lacan*. Buenos Aires: Letra Viva, 2013. pág. 271. A tradução é nossa

Poderíamos dizer, para concluir, que se trata de passar da lógica da incompletude para a lógica do não-tudo. Lógica do inconsciente à lógica do gozo feminino. Podemos ler este desamparo, -à luz destes últimos Seminários- nessa passagem?

Quando o analista cai do SsS e retém o lugar do objeto *a*, o sujeito se depara com o desamparo, com a inconsistência do Outro, não há deuses a garantir, ele encara sua verdade sem véu de ser e não-ser. Ela atravessa o fantasma e se localiza de outra forma diante do Real, diante da castração do Outro e da própria castração.